



RIEOnLIFE | MLC

IV EDIÇÃO

VIII EDIÇÃO

O habitar do ensinar e do aprender em tempos de ecologias inteligentes

INSCRIÇÕES: 01/07 A 15/10 em: eventos.ifnmg.edu.br/riewlc

LOCAL: IFNMG Campus Montes Claros

HÍBRIDO!

16 a 19
OUT
2023

DOIS EVENTOS
SIMULTÂNEOS!

SALA DE AULA INVERTIDA E TECNOLOGIA DIGITAL: UMA EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO

Alessandra Ribeiro Queiroz

Resumo: As tecnologias digitais estão presentes na vida dos jovens e facilitam a circulação e o compartilhamento de informações da Internet, por meio de sites e redes sociais, em diferentes modalidades e gêneros textuais. Torna-se importante privilegiar na escola práticas pedagógicas que versam sobre a realidade do estudante, tão marcada pelo digital, possibilitando aprendizagens mais ativas e significativas, que, por sua vez, podem proporcionar uma postura mais reflexiva e autônoma no aprendiz. Pensando em como as metodologias ativas poderiam impactar, mais especificamente, o ensino e a aprendizagem de língua inglesa, a presente pesquisa foi proposta, com o objetivo geral de investigar como as tecnologias digitais e o ensino de conteúdos gramaticais, em um modelo de sala de aula invertida, podem estimular a aprendizagem ativa de língua inglesa no ensino médio integrado. A pesquisa possui caráter qualitativo e intervencionista e foi desenvolvida no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG). Os participantes da pesquisa foram estudantes do segundo ano técnico em Informática integrado. Conclui-se, assim, que mais do que tecnologizar o ensino de inglês, é preciso (re)significar a abordagem de ensinar línguas, integrando as tecnologias digitais de forma refletida para que essas auxiliem a aprendizagem dos alunos.

Palavras-Chave: língua Inglesa; tecnologias digitais; sala de aula invertida; aprendizagem ativa.

1. INTRODUÇÃO

Alessandra Ribeiro Queiroz. Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia. Atualmente participa do Grupo de Pesquisa em Cognição, afetividade e letramento crítico. Atua como assistente de alunos no IFNMG-Campus Pirapora. E-mail: alessandra.groz@gmail.com
Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3630538635188160>

As tecnologias digitais podem ser utilizadas como ferramentas durante as aulas de língua inglesa por serem instrumentos que constituem o dia a dia dos estudantes da atualidade. Por meio de conteúdos bem selecionados, o professor pode oferecer materiais interessantes, já que a sala de aula é um local propício para o crescimento cultural, social e intelectual (FURLANETTO, 2019).

Como atualmente, os jovens utilizam consideravelmente seus *smartphones*, é possível que ele possa ser aproveitado para desenvolver atividades mais interativas e dinâmicas no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa. Diante dessa realidade, no IFNMG, os alunos ingressam no primeiro ano do ensino médio integrado e, como a maioria dos jovens, possui bastante engajamento com as redes sociais. Acredita-se que essas podem ser utilizadas não apenas como forma de sociabilidade entre os jovens, mas também na aprendizagem de uma língua. Além disso, sites interativos, dependendo de como são inseridos no ensino médio integrado, podem contribuir com a transformação dos espaços de ensino, pois possibilitam colocar os estudantes como sujeitos importantes e centrais no planejamento e condução das aulas de línguas, além de tornar a sala de aula um espaço de conhecimento, troca de saberes e interação.

Em se tratando das metodologias ativas, mais especificamente do modelo SAI, foi possível depreender dos estudos realizados que esse pode proporcionar espaços ativos de aprendizagem de língua inglesa e a reorganização da sala de aula de línguas. Como explicam Horn e Staker (2015, p. 43), nesse modelo, “o tempo na sala de aula, anteriormente reservado para instruções do professor, é, em vez disso, gasto no que costumamos chamar de ‘lição de casa’, com professores fornecendo assistência quando necessário”. Com a sala de aula invertida, os alunos podem acessar e estudar em casa variados conteúdos, ajustando-os a seus interesses e necessidades e tendo, como consequência, uma aprendizagem mais ativa. Alunos e professores terão, assim, mais tempo para esclarecer dúvidas em aula e debater sobre o assunto estudado em casa.

Baseado nisso, o objetivo geral desta pesquisa é investigar como as tecnologias digitais e o ensino de conteúdos gramaticais, em um modelo de sala de aula invertida, podem estimular a aprendizagem ativa de língua inglesa no ensino médio integrado.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em um *campus* do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG. O IFNMG é uma instituição de educação pública e oferece educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino. Os participantes da pesquisa são estudantes do segundo ano do ensino médio em Informática integrado, possuindo, em sua maioria, faixa etária entre 16 e 17 anos. A escolha da turma do segundo ano do ensino médio em Informática integrado deve-se ao fato de os estudantes, por estarem na instituição há um ano, já estarem familiarizados com o modelo integrado. Além disso, trata-se de um curso da área da tecnologia, o que justifica terem aulas de inglês que fazem uso de recursos tecnológicos.

A pesquisadora atua na instituição como técnica administrativa na área do ensino. Por não exercer a função de docente na instituição, para a realização da pesquisa, foi feito convite ao professor de inglês, responsável por ministrar as aulas na turma do segundo ano técnico em Informática integrado, para que o mesmo cedesse espaço em suas aulas. É importante destacar que o professor concordou prontamente em ceder um espaço em suas aulas para a realização da pesquisa, cuja coleta ocorreu no período de março a junho de 2022. Nesse período, foram desenvolvidas 5 (cinco) aulas presenciais. A primeira e a segunda unidades didáticas contaram com a cessão de 50 (cinquenta) minutos da aula do professor de inglês e a terceira unidade didática foi desenvolvida em 3 (três aulas) presenciais com duração de 50 (cinquenta) minutos cada.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Com a ascensão das tecnologias digitais e, conseqüentemente, o acesso imediato à internet por meio de celulares/*smartphones*, *tablets* e computadores possibilitou que o estudante fosse levado a situações reais de uso da língua inglesa. Como ressalta Lévy (1999, p. 7), com a universalização da informação e comunicação, “novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática”. Isto significa que novas formas de comunicação e conhecimento estão surgindo na sociedade, já que as pessoas têm em posse, celulares modernos, utilizam computadores e acessam a internet em busca de notícias, ou por meio de um simples *login* acessam as suas redes sociais tais como *Instagram*, *Facebook* e/ou *YouTube* para obterem informações e entretenimento.

Assim, as tecnologias digitais estão presentes em “[...] nossas atividades cotidianas mais comuns - como dormir, comer, trabalhar, nos deslocarmos para diferentes lugares, ler, conversar e nos divertimos [...]” (KENSKI, 2012, p. 24), ou seja, as tecnologias digitais estão presentes na maioria dos momentos da vida das pessoas, principalmente dos jovens que nasceram em um contexto digital.

Como expõe Prensky (2001), os estudantes das novas gerações cresceram com as novas tecnologias tais como vídeos, músicas digitais e *smartphones* conectados à internet, e por essa razão, os chamados nativos digitais possuem acesso às variadas tecnologias e “[...] têm ao seu alcance a possibilidade de consumir, buscar, comparar, processar, avaliar, selecionar e criar informações, por meio das suas múltiplas relações e contatos nas redes sociais” (PÉREZ GÓMEZ, 2015, p. 27). Isto significa dizer que a nova geração tem a seu dispor uma gama de informações a partir de sites que disponibilizam notícias on-line e, a partir disso, os jovens costumam “surfear” por esses meios e, raramente, consomem notícias de forma impressa (PRENSKY, 2001).

Com a evolução das tecnologias digitais e da internet, há a necessidade de haver uma reflexão sobre o ensino de línguas nas escolas, considerando os benefícios que essas trazem para nossa vida cotidiana e que podem trazer ao trabalho com a língua nas escolas. Kumaravadivelu (2006) expõe que, na atual fase da globalização, a internet

[...] tornou o motor principal, que está dirigindo os imperativos da economia, assim como identidades culturais/linguísticas. De fato, sem a comunicação global, o crescimento econômico e a mudança cultural não teriam ocorrido em uma velocidade vertiginosa e com um alcance surpreendente. [...] a internet tornou-se uma fonte singular que imediatamente conecta milhões de indivíduos com outros [...] tornando as interações à distância e em tempo real possíveis. E a língua da globalização - claro, o inglês - está no centro da LA contemporânea. (KUMARAVADIVELU, 2006, p. 137).

Internet e língua inglesa podem conectar milhões de pessoas ao redor do mundo. Nas palavras de Paiva (1996), “estudar inglês tornou-se um fenômeno mundial”, visto que é o idioma que se estabelece na área da informática, da internet e da economia. Acredita-se, assim, ser de suma importância incluir as tecnologias digitais no ensino e aprendizagem de língua inglesa e viabilizar o acesso à Internet nas escolas. No entanto, não se trata somente de incluir as tecnologias nas aulas,

pois é preciso que o seu uso no processo pedagógico seja pautado em uma aprendizagem significativa.

Atualmente, com o avanço das tecnologias digitais e o potencial trazido pela Internet, surge a necessidade de se pensar em metodologias ativas que utilizam as potencialidades das tecnologias digitais para proporcionar a aprendizagem ativa, com ênfase na participação reflexiva, crítica e autônoma do estudante no processo de ensino e aprendizagem (MILL, 2021). Nesse cenário de ascensão das tecnologias digitais, o ensino híbrido ou *Blended Learning* pode ser uma opção para as aulas de inglês, ao combinar o ensino presencial e propostas de ensino on-line.

Como metodologia ativa, tem-se a sala de aula invertida que caracteriza por inverter a função normal da sala de aula. Esse modelo, segundo Horn e Staker (2015), é o mais praticado e que recebeu maior relevância pelos estudiosos. A SAI é uma proposta de metodologia ativa não tão recente. A inversão da sala de aula surgiu na década de 1990, com o professor Eric Mazur que, insatisfeito com o aprendizado dos seus estudantes, resolveu mudar a forma como ensinava em sala de aula.

Mais recentemente, em 2007, pelos pressupostos teóricos de Bergmann e Sams (2018) a abordagem foi nomeada como *Flipped Classroom*, terminologia utilizada pelos autores, baseada em muitos estudos nos últimos anos. Bergmann e Sams (2018) iniciaram a história da criação da sala de aula invertida quando começaram a gravar vídeos para serem disponibilizados no formato on-line aos estudantes. Eles conheceram um *software* que gravava apresentações de *slides* em *PowerPoint*, com voz e anotações e convertia a gravação em arquivo de vídeo, que era distribuído on-line aos estudantes. Neste momento, transformaram sua forma de ensinar e a forma de aprender de seus alunos.

Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015, p. 40) compreendem que a SAI é “um dos modelos mais interessantes para se fazer avanços dentro do modelo disciplinar”, ao “concentrar no ambiente virtual aquilo que é informação básica e deixar para a sala de aula as atividades mais criativas e supervisionadas”. Nesse sentido, um vídeo pode ser exposto antes da aula aos estudantes e, nos primeiros momentos quando retornam à sala, professor e estudantes respondem a uma pergunta problematizadora e levantam discussões sobre as possíveis soluções para determinado problema (BERGMANN; SAMS, 2018).

No contexto de ensino de língua inglesa, é possível que o professor se utilize das ferramentas digitais para incrementar o processo pedagógico por meio dos mais

variados produtos do entretenimento, e para favorecer uma aprendizagem ativa aos aprendizes (FURLANETTO, 2019). Os conteúdos invertidos não precisam ser necessariamente focados em formas gramaticais. Pode ser, por exemplo, trabalhado um texto do gênero resenha, uma reportagem, um vídeo para que o aluno desenvolva a habilidade de compreensão oral, dentre outros.

Como explica Paiva (2001, p. 97), o ambiente virtual “além de ser mais propício a um tipo de educação menos conservadora, representa um estímulo a abordagens de ensino mais centradas no aluno”, dependendo da maneira como as atividades são propostas pelo professor. Para o desenvolvimento de uma aprendizagem ativa de inglês baseado no modelo SAI, o professor pode, por exemplo, desenvolver atividades voltadas para projetos, pesquisas, debates, discussão de um conteúdo on-line, dentre outros. Dependendo do contexto do estudante e da escola, é possível utilizar a inversão das aulas com atividades voltadas para uma notícia em língua inglesa, um *post* nas redes sociais, sites interativos, dentre outros; e em sala de aula, o professor pode avaliar o que o estudante aprendeu e as lacunas que ficaram em relação aos conteúdos abordados.

4. ANÁLISE DOS DADOS

As tecnologias digitais, por fazerem parte do contexto do estudante, podem possibilitar aos professores de língua inglesa levarem novas práticas pedagógicas para a sala de aula, podendo alterar o processo tradicional de ensino e aprendizagem. Quando indagados, na entrevista, sobre sua relação com as tecnologias digitais, os alunos deixam transparecer afinidade com as tecnologias digitais e que essas fazem parte de seu contexto, como exposto por Jason Mraz: “*tá mais próximo da nossa realidade, né. A gente que é dessa nova geração acostumado com tecnologia*”. Por meio desse trecho da entrevista, o estudante deixa evidente a importância das tecnologias digitais. Isso corrobora o que pontua Prensky (2001): os estudantes da atualidade possuem contato com as tecnologias digitais, desde a tenra idade, e passam a vida utilizando *smartphone* e computador com acesso à internet na chamada era digital, tornando possível desenvolver atividades na escola de acordo com esse contexto em que o estudante já está inserido.

Diante desse contexto de acesso as tecnologias digitais pelos jovens, observa-se que o contato dos participantes com o idioma é facilitado, principalmente, pela Internet e pelas tecnologias digitais, conforme trechos das respostas dos estudantes:

Taylor Swift: “Meu maior **contato** com a língua inglesa é com **as músicas** e é meu dia a dia assim, tipo, às vezes eu paro para ler algum trecho em inglês de algum **comentário no Instagram**, [...] eu sigo algumas pessoas que não são brasileiras, então eu acabo lendo é...a **legenda dos posts** delas no [...] como eu gosto muito dessa parte de **música** e de **Instagram**, então o tempo que eu via a letra, alguma coisa eu tento traduzir até para ganhar mais conhecimento e vocabulário”.

Akon: “Meu **contato** assim, é mais escutar **música** e, às vezes, assim eu até assisto umas **vídeo aulas** de inglês”.

Harry Styles: “Eu escuto muita **música em inglês**, basicamente todos os dias, e vejo muito **videozinhos, entrevistas no YouTube** de famosos, artistas que eu acompanho em inglês também”.

Verifica-se nas falas dos estudantes, a familiaridade com as tecnologias digitais e com a Internet, que estão presentes em seu contexto e que facilitam que aprendam a língua inglesa, principalmente por meio de músicas, séries, notícias e vídeos do Youtube. As redes sociais, como, *Facebook, Instagram e Twitter* também são facilmente acessadas pelos alunos e facilitam seu contato com a língua inglesa, que não está mais somente no livro didático trabalhado pelo professor. O comentário da estudante Pink exemplifica a relação dos participantes com as mídias: “*Eu tenho bastante **contato na música**, porque eu gosto muito de música internacional. É... eu gosto de **ver filmes** também, porque, às vezes, a dublagem brasileira, né, não é de acordo com a voz da pessoa. Eu gosto muito de assistir. E **livros** também. **A mídia em si** quando eu vou no Instagram, Facebook **eu uso muito a língua inglesa**”.*

Como ressalta Furlanetto (2019, p. 37), “temos acesso aos mesmos programas de TV, aos mesmos filmes e às mesmas séries que são transmitidas em outros países; podemos ouvir qualquer música que quisermos na velocidade de um clique”. Pode-se perceber, portanto, que a língua inglesa está presente em quase tudo aquilo que as pessoas gostam, e não seria diferente para os estudantes do ensino médio. Concorda-se com Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015, p. 47) que “o uso de tecnologias digitais no contexto escolar propicia diferentes possibilidades para trabalhos educacionais mais significativos para os seus participantes”, contribuindo para uma aprendizagem ativa. Portanto, uma vez que os alunos estão em contato com a língua inglesa e fazem

uso das tecnologias digitais, vale a reflexão sobre trazer o contexto do estudante para o processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa na escola.

Novas possibilidades de aprendizagem mediadas pelas tecnologias digitais oferecem ao professor oportunidades de explorar os meios digitais e as plataformas virtuais. A língua inglesa está em movimento, de forma sonora e visual, por isso ignorar essa dinâmica ao ensinar é empobrecer o ensino desse idioma (BOTELHO; LEFFA, 2009).

Tendo em vista o potencial que as tecnologias podem trazer para o processo de aprendizagem, foi questionado aos alunos se eles acharam interessante trabalhar atividades que envolvessem tecnologias digitais nas aulas de inglês. As seguintes respostas foram dadas pelos alunos:

*Taylor Swift: “**traz benefícios** no nosso processo de aprendizagem, né, porque pode avaliar habilidades, né, na comunicação”.*

*Jason Mraz: “**tá mais próximo da nossa realidade**, né. A gente, que é dessa nova geração, **acostumado com tecnologia**”.*

*David Guetta: “**influencia também no aprendizado e também chama a atenção**”.*

A partir dos excertos supracitados, foi constatado, pelas falas dos alunos, que as tecnologias digitais, empregadas durante o projeto de intervenção, foram sentidas pelos alunos como motivadoras e facilitadoras da aprendizagem de inglês. Observa-se que quando os estudantes declaram que as tecnologias digitais auxiliam na aprendizagem de língua inglesa, eles reconhecem a importância da inserção de tecnologias digitais por parte do professor nas aulas de língua inglesa, como bem destacado pela estudante Katy Perry: “**Eu acredito que trazendo essas ferramentas para nossas aulas faz com que o inglês esteja mais presente no dia a dia, seja mais palpável para a gente tá entendendo o funcionamento da língua**”.

No entanto, não fica claro pelas respostas dos alunos apresentadas se o que mais cativou o interesse do grupo foi o fato de termos usado variadas ferramentas digitais nas aulas de inglês, ou o fato de ter ocorrido a inversão das atividades, ou até mesmo a junção dessas duas abordagens. Como será abordado mais adiante acerca dos desafios na implementação da SAI, acredita-se que as respostas dos alunos se referem mais ao uso de ferramentas digitais do que à SAI. De qualquer forma, as respostas dos alunos apontam para benefícios trazidos pelo projeto de intervenção

desenvolvido em termos de: potencialização da aprendizagem de língua inglesa e mudanças na forma de os alunos se relacionarem com a língua-alvo.

Entende-se que a SAI é um exemplo de metodologia ativa que pode proporcionar resultados favoráveis para os jovens, os chamados nativos digitais, os quais “[...] têm ao seu alcance a possibilidade de consumir, buscar, comparar, processar, avaliar, selecionar e criar informações, por meio das suas múltiplas relações e contatos nas redes sociais” (PÉREZ GÓMEZ, 2015, p. 27). Dessa forma, ao inserir metodologias que utilizam tecnologias digitais no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa, o professor tende a aproximar-se do contexto do estudante. No entanto, a implementação da SAI não está isenta de problemas e não se configura, de modo algum, como a única e a melhor solução para as aulas de inglês.

Ou seja, durante a implementação de qualquer metodologia podem surgir desafios e dificuldades. No caso do modelo SAI empregado nas aulas, dentre as dificuldades que impediram os alunos de fazer as atividades disponibilizadas no *Google Classroom* antes da aula presencial, destacam-se, na entrevista: falta de tempo, acúmulo de tarefas, preguiça, dentre outros. Esses percalços podem ser observados pelos comentários:

Taylor Swift: “com o passar do ano, dos dias letivos, **as atividades foram se acumulando** e eu não pude organizar o meu tempo para responder”.

Katy Perry: “Eu **acabava esquecendo**, mas sempre que eu podia eu gostava de fazer **para me preparar para a dinâmica**, em que ia ter na próxima aula”.

Sam Smith: “eu tava fazendo mais as atividades da escola e também **preguiça**”.

A metodologia utilizada nas aulas de língua inglesa com os estudantes foi a SAI, e a aprendizagem iniciava em casa. Para as aulas, foi feita a curadoria de vídeos e a edição deles no *EDpuzzle* e, além disso, foi disponibilizado material de estudo no *Google Classroom*. O conteúdo gramatical era estudado previamente, de forma online, e na aula presencial foram desenvolvidas atividades com a utilização de recursos digitais, como o *Nearpod*, *Google Forms*, *Mentimeter*, dentre outros, a fim de auxiliar os estudantes de forma individual ou em grupo.

Quando perguntado aos estudantes sobre a aprendizagem iniciada antes da aula presencial e o desenvolvimento das atividades nas aulas presenciais, houve 30 (trinta) relatos de alunos na entrevista, nos quais foram comentadas dificuldades de acesso à plataforma, além de outros fatores, como “preguiça” e “ter que estudar por obrigação” antes da aula presencial. Analisando a participação do grupo nas atividades propostas no *Edpuzzle*, foi possível verificar que somente 9 (nove) dos 25 (vinte e cinco) participantes da pesquisa completaram as atividades na plataforma.

Um outro ponto importante que foi observado no relato dos alunos para implementação da SAI é que eles não estão habituados com a rotina de estudar o conteúdo antes da aula presencial - característica da inversão da sala de aula - estando acostumados com a típica aula: exposição do conteúdo - explicação - atividade de fixação. O comentário de Katy Perry exemplifica isso: às vezes ***não dava tempo de estudar a matéria, aí se você tivesse passado a teórica antes da prática pelo menos uma recapitulada na gente, eu acredito que a gente teria desenvolvido a prática um pouco melhor***. Esse relato vai contra o pensamento de muitos autores, que defendem o fundamento da SAI, no qual o estudante é responsável por entender a matéria antes da aula presencial, além de ser capaz de discutir o tema de forma que a aprendizagem se encontra de modo ativo (VALENTE, 2014; MILL, 2021). Ou seja, com a SAI tenta-se mudar a rotina tradicionalmente esperada numa aula em que o professor é o responsável em explicar os conteúdos, que deverão, depois, serem praticados pelos alunos por meio de exercícios.

Em vista das possibilidades e dificuldades que foram enfrentadas durante o projeto, com a aplicação do modelo SAI nas aulas de inglês, faz-se a seguinte análise: as tecnologias digitais são importantes instrumentos no processo de aprendizagem, já que fazem parte do cotidiano do estudante, como ressaltam Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015), podendo, assim, ser exploradas nas aulas de inglês no ensino regular como forma de trazer dinamicidade, motivação e interação em relação à uma nova língua. Além disso, como afirma Moran (2013), com as tecnologias digitais, a informação está mais disponível e a interação entre as pessoas pelo digital é mais rápida. Caminha-se para uma sociedade que aprende de formas diferentes com a utilização de novas metodologias e tecnologias, o que precisa ser levado em consideração pelo professor de línguas na atualidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise e discussão dos dados possibilitou perceber que, assim como a maioria dos jovens, a relação dos estudantes participantes da pesquisa com as tecnologias digitais ocorre de forma positiva, pois esses sempre estão conectados à Internet, interagindo nas redes sociais, ouvindo músicas, assistindo filmes e séries, lendo notícias, dentre outros.

Sobre o impacto do modelo de sala de aula invertida no processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa no ensino médio integrado, observou-se que as tecnologias digitais, tal como afirmado por estudiosos como: Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015) e Bergmann e Sams (2018), dentre outros, podem ser facilitadoras e motivadoras para o desenvolvimento do ensino e aprendizagem de língua inglesa. A aprendizagem de língua inglesa por meio das tecnologias digitais é vista pelos estudantes como dinâmica, divertida, prática e agradável. No entanto, apesar dos aspectos positivos trazidos pela abordagem de ensinar adotada no projeto, principalmente em relação à SAI, surgiram algumas dificuldades, como o fator esquecimento e a falta de tempo e interesse dos estudantes foram alguns dos principais desafios encontrados durante o projeto.

Apesar das dificuldades da pesquisa, foram inegáveis os momentos de interação e motivação por parte dos alunos, a partir do uso das tecnologias digitais na realização das atividades propostas em sala de aula. Logo, reconhece-se que a implementação da sala de aula invertida no curso técnico em Informática do ensino médio foi desafiadora, mas, ao mesmo tempo, relevante, trazendo contribuições diretas aos alunos e à pesquisadora. Os alunos tiveram a oportunidade de estudar a gramática de forma mais contextualizada e por meio de atividades atrativas. Como a maioria dos alunos não possuía conhecimento amplo de regras gramaticais da língua inglesa, a inversão da aula com aporte das tecnologias digitais, possibilitou oportunidades e espaços para os estudantes aprofundarem seu conhecimento quanto às estruturas da língua-alvo e ampliarem vocabulário por meio do estímulo visual e práticas sobre/na língua inglesa.

6. REFERÊNCIAS

BACICH, L. TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. (org.) **Ensino Híbrido: Personalização e Tecnologia na Educação**. In: MORAN, José. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação hoje. Porto Alegre: Penso, 2015.

BERGMANN, J; SAMS, A. **Sala de aula invertida**: uma metodologia ativa de aprendizagem. Tradução: Afonso Celso da Cunha Serra. - 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2018.

BOTELHO G. LEFFA, V. J. **Por um ensino de idiomas mais incluyente no contexto social atual**. Editora Parábola. São Paulo, 2009.

FURLANETTO, P. F. **O professor e o ensino da língua inglesa**: uma visão a partir do pós-método. Curitiba: InterSaber, 2019.

HORN, M. B. STAKER, H. **Blended**: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação. Porto Alegre: Penso, 2015.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**: O novo ritmo da informação. 8 ed. Campinas/SP: Papirus, 2012.

KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, p. 129–148, 2006.

LÉVY. P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MILL, D. **Reflexões sobre aprendizagem ativa e significativa na cultura digital**. Documento eletrônico. São Carlos: SEAD-UFSCar, 2021.

MORAN, J. M. **Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas**. In: MORAN, J. M. MASETTO, M. T. BEHRENS, M. A. Novas tecnologias e mediação pedagógica. Campinas, São Paulo: Papirus, 2013. p. 11-66.

PAIVA, V. L. M. de O. **A língua inglesa no Brasil e no mundo**. In: PAIVA, Vera Lúcia Meneses de Oliveira e (org.). Ensino de língua inglesa – reflexões e experiências. Campinas: Pontes, 1996.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Educação na era digital**: a escola educativa. Porto Alegre: Penso, 2015.

PRENSKY, M. **Digital natives, digital immigrants part 1**. On the horizon, v. 9, n. 5, p. 1- 6, 2001.

VALENTE, J. A. Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, Edição Especial n. 4/2014, p. 79-97. Editora UFPR.